



CONFLITOS INTERNACIONAIS: TENDÊNCIAS, PERSPECTIVAS E VIOLÊNCIA NO SÉCULO XXI

Índia e Paquistão: prospecções para o futuro do sul da Ásia

India and Pakistan: prospects for the future of south Asia

India y Pakistán: perspectivas para el futuro del sur de Asia

Bruna Maier¹

orcid.org/0009-0004-4593-1252
bruna.maier04@edu.pucrs.br

Carina Vieira Uliana¹

orcid.org/0009-0004-7181-8894
carina.uliana@edu.pucrs.br

Isadora Roxo Lima

Ribeiro¹

orcid.org/0009-0001-9060-9957
isadora.ro05@edu.pucrs.br

Recebido em: 30 jun. 2025.

Aprovado em: 28 dez. 2025.

Publicado em: 30 mar. 2026.

Resumo: Este artigo investiga a dinâmica do conflito entre Índia e Paquistão a partir da Teoria dos Complexos Regionais de Segurança e busca compreender se o cenário atual indica estagnação ou escalada. Para isso, são feitas uma análise histórica e conjuntural e são identificadas incertezas políticas, sociais e econômicas, discutidas a partir da metodologia de revisão bibliográfica. Considerando o contexto histórico do conflito e as perdas severas que um confronto de alta intensidade acarretaria para os países envolvidos e para a estabilidade internacional, conclui-se que a estagnação é o cenário mais provável, ainda que conte com períodos de maior tensão.

Palavras-chave: Caxemira; Teoria dos Complexos Regionais de Segurança; conflito nuclear; análise de cenários.

Abstract: This article investigates the dynamics of the conflict between India and Pakistan in light of the Regional Security Complex Theory and seeks to understand whether the current scenario indicates stagnation or escalation. To this end, a historical and situational analysis is conducted, and political, social, and economic uncertainties are identified, discussed using the bibliographic review methodology. Considering the historical context of the conflict and the severe losses that a high-intensity confrontation would bring to the countries involved and to international stability, it is concluded that stagnation is the most likely scenario, though marked by periods of heightened tension.

Keywords: Kashmir; Regional Security Complex Theory; nuclear conflict; scenario analysis.

Resumen: Este artículo investiga la dinámica del conflicto entre India y Pakistán a la luz de la Teoría de los Complejos Regionales de Seguridad, y busca comprender si el escenario actual indica estancamiento o escalada. Para ello, se realiza un análisis histórico y coyuntural, y se identifican incertidumbres políticas, sociales y económicas, discutidas a partir de la metodología de revisión bibliográfica. Considerando el contexto histórico del conflicto y las pérdidas severas que un enfrentamiento de alta intensidad acarrearía para los países involucrados y para la estabilidad internacional, se concluye que el estancamiento es el escenario más probable, aunque con períodos de mayor tensión.

Palabras clave: Cachemira; Teoría de los Complejos Regionales de Seguridad; conflicto nuclear; análisis de escenarios.

1 Introdução

As históricas tensões entre a Índia e o Paquistão, endógenas à criação do Paquistão e também relacionadas aos processos de independência dessas nações, as disputas entre diferentes grupos étnicos e religiosos e a partição colonial em 1947 marcam as dinâmicas do Sul do continente asiático e podem ser compreendidas através da Teoria dos Complexos Re-



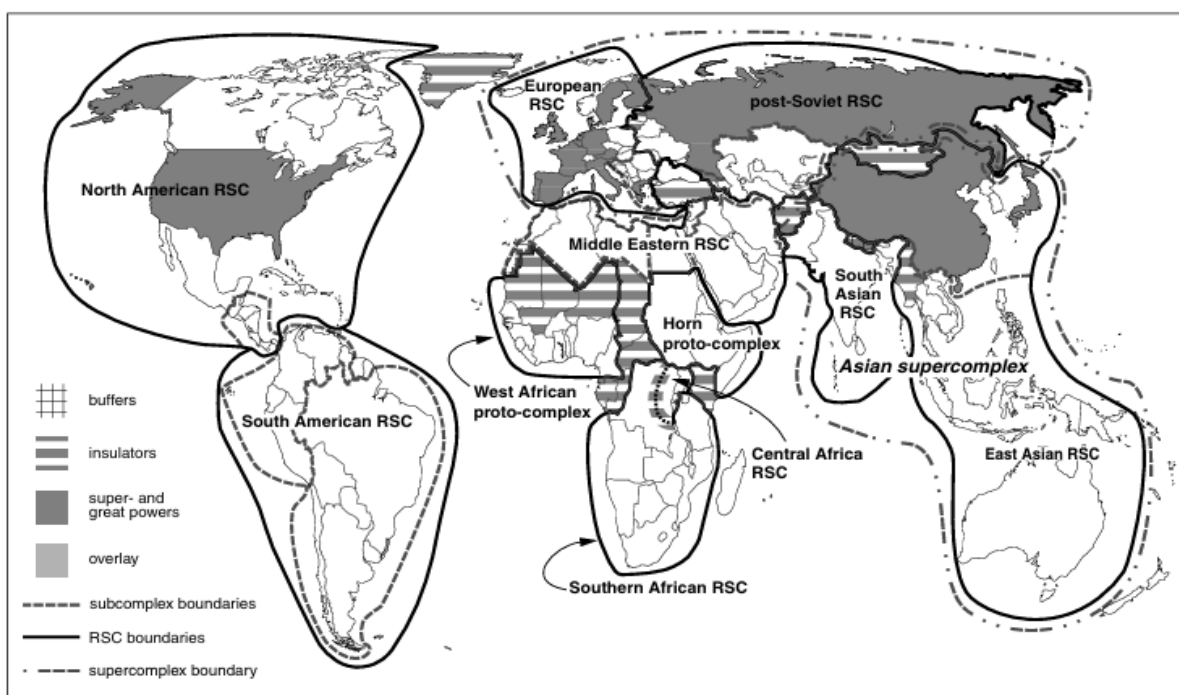
Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob a licença [CC-BY 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/), que permite a cópia e redistribuição do material em qualquer formato e para qualquer finalidade, desde que a autoria original e os créditos de publicação sejam mantidos.

¹ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

gionais de Segurança de Buzan e Wæver (2003). A teoria aponta o caráter regional das dinâmicas securitárias que separa os assuntos securitários da política rotineira e que, por isso, precisa ser analisado a partir de um nível de análise distinto do Estatal. Buzan e Wæver (2003, xvi, tradução própria) expandem o conceito de segurança "às ameaças econômicas, ambientais e [...] relacionadas com a identidade ('societais') e constroem a

partir disso um "aparato conceitual capaz tanto de lidar tanto com o conceito ampliado de segurança quanto de evitar a diluição do conceito em "tudo é segurança" (Buzan e Wæver 2003, xvi, tradução própria). A partir disso, complexos e subcomplexos regionais são criados, sendo o Sul da Ásia um dos mais emblemáticos. A figura 1, a seguir, representa os padrões de segurança regional pós-Guerra Fria.

Figura 1. Padrões de segurança regional pós-Guerra Fria.



Fonte: Buzan e Wæver (2003).

O percurso metodológico consiste nas etapas que serão seguidas para formular hipóteses sobre o futuro das relações entre Índia e Paquistão. Para isso, utiliza-se uma combinação de métodos qualitativos e quantitativos, juntamente com a análise de dados e a identificação de padrões relevantes. Objetiva-se criar hipóteses plausíveis que possam prever possíveis cenários para o conflito, baseando-se nas incertezas políticas, sociais e econômicas identificadas. A primeira etapa do percurso metodológico é a definição de variáveis e dimensões que influenciam as relações indo-paquistanesas, são elas: política, social e econômica. Essas dimensões serão

analisadas em termo das principais incertezas que afetam o conflito entre os países do sul asiático, as quais são identificadas por meio da revisão bibliográfica. As hipóteses formuladas são examinadas por meio da análise exploratória. Portanto, diferentes cenários são explorados pelas autoras a fim de entender no que consiste e quais são as suas implicações. Este percurso metodológico assegura o enriquecimento da análise e a possibilidade de formular hipóteses bem fundamentadas, as quais devem considerar tanto dados quantitativos quanto qualitativos.

As tensões entre a Índia e o Paquistão convergem em todos os assuntos que abrangem o

conceito segundo os autores; não por acaso, o Sul da Ásia foi o estudo de caso que originou a Teoria dos Complexos Regionais de Segurança (Buzan e Wæver 2003, 93). Além disso, há o agravante de que ambos os países são detentores de armas nucleares, o que geralmente não ocorre dentro de uma sub-região. A questão da Caxemira é central no conflito entre Índia e Paquistão por envolver fatores geográficos, militares e políticos. Geograficamente, a região tem grande importância estratégica, pois está entre Índia, Paquistão e China, além de abrigar as nascentes de rios vitais, como o Indo, essenciais para o Paquistão. Militarmente, é uma das áreas mais fortificadas do mundo, com presença constante de tropas e confrontos ao longo da Linha de Controle.

Politicamente, o Estado de Jammu e Caxemira é disputado porque sua população majoritariamente muçulmana reivindica independência ou união ao Paquistão, enquanto a Índia insiste em manter o território sob sua soberania. Essa combinação de fatores faz da Caxemira um dos focos mais sensíveis e duradouros das tensões no sul da Ásia.

Além disso, por possuir regiões montanhosas e ser próxima de três potências nucleares, a Caxemira é um ponto crucial de projeção do poder e da segurança na região. O território abriga também a nascente do rio Indo e seus afluentes (figura 2), fundamentais para a agricultura de ambos os países. Portanto, qualquer alteração significativa no conflito deve levar isso em conta.

Figura 2. Rio Indo após a partição.



Fonte: Leite (2021).

No aspecto político e simbólico, a Caxemira é vital para os dois países e tornou-se primordial para a construção e a manutenção das identidades nacionais de ambas as nações (Anúnciação 2013). Para o Paquistão, a Caxemira representa a defesa de sua identidade como nação muçulmana, enquanto para a Índia simboliza a preservação de seu caráter secular e da integridade territorial. Além disso, a posse de armas nucleares pelos

dois países torna a situação ainda mais emblemática. A possibilidade de uma guerra nuclear torna a responsabilidade de manter a estabilidade na região mais relevante, uma vez que os impactos de uma guerra nuclear transcenderiam fronteiras, afetando o meio ambiente, a economia e a estabilidade internacional. Portanto, o futuro do Sul da Ásia depende da Índia e do Paquistão e da consolidação de seus interesses estratégicos

com a paz regional (Vasconcelos 2020).

Sendo assim, o presente artigo analisa o conflito indo-paquistanês a partir do nível regional proposto pelos autores e busca traçar prospecções para o Sul da Ásia, com o objetivo de responder à seguinte questão de pesquisa: "A rivalidade Índia-Paquistão permanecerá congelada ou há sinais de escalada no século XXI?". Para tanto, adota-se uma metodologia qualitativa, fundamentada em revisão bibliográfica e análise conjuntural, considerando aportes teóricos de autores como Buzan e Weaver, cuja concepção de segurança regional fornece o referencial analítico para a investigação. Inicialmente, desenvolve-se a contextualização histórica das tensões e uma avaliação de cenários recentes, segue-se a delimitação de incertezas relacionadas à possível estagnação ou possível escalada do conflito, da projeção destes cenários e avaliação deles, culminando em conclusões que indicam a manutenção do quadro de estagnação.

2 Contexto histórico

A criação dos dois novos países foi uma consequência da partição do Raj Britânico; o motivo estava nas tensões políticas e religiosas que já existiam muito antes da independência, já que, mesmo antes de se tornarem países, as regiões que hoje formam a Índia e o Paquistão eram muito diferentes uma da outra. A própria complexidade política do subcontinente dificultou muitas questões relacionadas à descolonização (Vasconcelos 2020, 17). A divisão religiosa que veio com a independência foi brutal. A Índia tornou-se uma nação majoritariamente hindu, e o Paquistão foi criado como um Estado de maioria muçulmana, se tornando, em 1956, uma República Islâmica. Isso causou migrações forçadas com violência. Dezenas de milhões de pessoas tiveram que sair de suas casas, e a fronteira entre os dois novos países se transformou um campo de batalha. As batalhas levaram a um sofrimento terrível e

causaram mortes em massa; mas a partição não somente dividia o país em dois e estabelecia uma fé dominante, o hinduísmo e o islamismo respectivamente: também deixou muitas memórias difíceis que continuaram causando tensões por várias décadas. Um dos problemas mais difíceis sempre foram disputas sobre a própria Caxemira. De acordo com Dias (2022, 4),

A principal razão para o conflito entre a Índia e o Paquistão sobre Caxemira é devido às qualidades de Caxemira, em termos de segurança, geografia e recursos. O rio Indo é crucial para a agricultura no Paquistão, e especialmente importante na região do vale de baixo Indo, onde as chuvas são pouco comuns. Da mesma forma, a Índia depende do Indo para a irrigação. Como resultado, o Indo e os seus afluentes são muito procurados.

A primeira guerra entre Índia e Paquistão teve início logo em 1947 e continuou até 1948, quando ambos os lados tentaram garantir a Caxemira para si, e a intervenção da Organização das Nações Unidas (ONU) foi necessária para evitar seu agravamento (Malik 2019, 68). O cessar-fogo foi alcançado em 1949, mas o impasse nunca foi realmente resolvido. Em seguida, os países voltaram a um confronto em 1965 e 1971, novamente tendo o território como foco do conflito – assim como atualmente. A ONU e outras organizações tentaram mediar diversas vezes, mas a disputa pelo controle da Caxemira persiste pelas três frentes (Índia, Paquistão e China²). Segundo Barbedo (2017, 7), em 1998, quase simultaneamente, a Índia e, depois, o Paquistão realizaram testes nucleares, o que realmente consolidou a tensão nuclear na região. A Índia, bem como a China, já havia realizado testes anteriormente, porém não em concomitância – e se antes era preocupante que um dos lados obtivesse um poder semelhante, com ambos os países nessa situação, ficou claro que qualquer erro poderia gerar consequências devastadoras.

As relações entre Índia e Paquistão, historicamente conturbadas, seguem moldadas por

² Após a revogação do Artigo 370 da Constituição indiana – que concedia autonomia especial ao Estado da Caxemira, permitindo-lhe ter sua própria constituição e leis locais –, a China intensificou sua atuação na questão, apoiando o Paquistão por razões estratégicas e políticas. Essa postura teria permitido a Pequim ampliar sua influência na região e utilizar o discurso sobre a repressão indiana aos muçulmanos para desviar críticas internacionais a respeito das violações de direitos humanos contra a população muçulmana chinesa (Joshi 2020).

rivalidade geopolítica, disputas territoriais, desafios econômicos e sociais. Atualmente, uma parte da fronteira entre os dois países, conhecida como Linha de Controle (*Line of Control* – LoC), na região da Caxemira, não é reconhecida internacionalmente como uma fronteira oficial (Government of India 2022). Essa área é palco de tensões crescentes entre as duas nações, sendo frequentemente descrita como um cenário de “nem guerra, nem paz”, o que faz dessa linha de separação uma das zonas mais militarizadas do mundo (Unnithan 2018). Desde que a Índia revogou o *status* especial da Caxemira em 2019, retirando a autonomia da região, os conflitos têm se intensificado, resultando em repetidos confrontos ao longo da LoC. Por esse motivo, a região permanece no epicentro desse conflito, sendo uma das questões mais intratáveis da Ásia do Sul, agravada pela corrida armamentista, envolvendo a modernização das capacidades nucleares e militares de ambos os países. O acordo de cessar-fogo de 2003 (CFA, da sigla em inglês *Ceasefire Agreement*), bem como sua recente reafirmação em 2021, evidencia tentativas importantes de conter as hostilidades ao longo da LoC. Contudo, como citado anteriormente, os avanços são frequentemente interrompidos por episódios de violência, alimentados por uma crescente militarização da região.

O equilíbrio nuclear³ é um fator central para evitar um conflito de grandes proporções, embora aumente o risco de escalada em caso de erro de cálculo. A Índia e o Paquistão adotam doutrinas distintas quanto ao uso de armas nucleares. A Índia segue a política de *no first use* (“não uso em primeiro lugar”), comprometendo-se a não

iniciar um ataque nuclear, mas preservando a capacidade de retaliação. Já o Paquistão rejeita tal compromisso, mantendo a opção de uso preventivo em determinadas circunstâncias, como forma de dissuadir⁴ uma ofensiva convencional indiana. Sua doutrina baseia-se no princípio da “dissuasão mínima crível”, posteriormente expandido para o conceito de “dissuasão de espectro completo”, que busca garantir a capacidade de resposta em todos os níveis – estratégico, operacional e tático – mediante o arsenal indiano (Vasconcelos 2020).

Como previamente mencionado, a escassez de água também é uma questão crítica para ambos os países, especialmente no contexto das mudanças climáticas. O uso compartilhado de recursos hídricos, como o Rio Indo, tem sido um ponto de contencioso entre Índia e Paquistão, com acordos históricos desafiados por novas demandas e crises ambientais. Ambos os países enfrentam fenômenos climáticos extremos, como enchentes e secas, que afetam suas populações e aumentam a pressão sobre a segurança alimentar e a economia (Brennan 2008).

Ademais, o Paquistão enfrenta uma crise econômica, com inflação em alta e dependência de financiamentos internacionais, além de constantes ataques⁵ terroristas e de extremistas religiosos, como o Talibã Paquistanês (TTP). O país também apresenta instabilidade política, com transições governamentais conturbadas e desafios à autoridade do Exército, que desempenha um papel central na política nacional. Em vários momentos durante a última década, os líderes civis do Paquistão se prepararam para se aproximar do lado indiano, mas foram prejudicados pelo Exército. O

³ A lógica do equilíbrio nuclear pode ser explicada através das disputas entre os Estados Unidos da América e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas no contexto da Guerra Fria. Segundo Ferreira (2023, 19), a escalada armamentista resultou na certeza de que o ataque nuclear iniciado por uma parte, ainda que bem-sucedido, seria respondido com o segundo ataque (*second strike*), uma retaliação, resultando na situação chamada de *destruição mútua assegurada* (“*mutually assured destruction*”, ou “MAD”). Neste ponto, alcançou-se o equilíbrio de terror. Ver mais em: <https://ojs.ufgd.edu.br/moncoes/article/view/15156/9867>.

⁴ A dissuasão nuclear é baseada no equilíbrio de terror e também pode ser entendida a partir da Guerra Fria. Ela sustenta-se na lógica de evitar a guerra por meio do medo da retaliação. Inicialmente, apenas os Estados Unidos podiam atingir a União Soviética com ogivas nucleares, mas, com o desenvolvimento soviético de mísseis intercontinentais, ambos passaram a ter capacidade de destruição mútua. Assim, qualquer ataque (*first strike*) implicaria resposta devastadora, tornando o confronto nuclear irracional (Ferreira 2023, 19). Ver mais em: <https://ojs.ufgd.edu.br/moncoes/article/view/15156/9867>.

⁵ Ver “Dozens killed as Pakistani army, fighters clash near Afghan border”, em <https://www.aljazeera.com/news/2025/10/8/dozens-killed-as-pakistani-army-fighters-clash-near-afghan-border> (Al Jazeera 2025); “Pakistan Fights Its Fiercest Taliban Insurgency in a Decade”, em <https://www.nytimes.com/2025/10/06/world/asia/pakistan-taliban.html?auth=login-google1tap&login-google1tap> (New York Times 2025); “Pakistan mourns civilians, soldiers killed in Bannu attack”, em <https://www.dw.com/en/pakistan-mourns-civilians-soldiers-killed-in-bannu-attack/a-71831620> (DW 2025).

“regime híbrido” que persiste no Paquistão aparentemente não permite o comando centralizado da política externa (Shende 2024).

Na Índia, o governo de Narendra Modi tem reforçado uma agenda nacionalista hindu, que tem gerado debates sobre a inclusão de minorias religiosas, como muçulmanos. Políticas internas que acentuam a divisão religiosa podem afetar as relações com o Paquistão, que frequentemente se apresenta como defensor dos muçulmanos da Caxemira. Apesar de enfrentar desafios com insurgências internas, como os naxalitas (maoístas), e questões relacionadas às minorias, a Índia continua lidando com preocupações de segurança ligadas ao terrorismo de grupos que operam a partir do Paquistão. Ainda assim, o país tem despontado como uma das economias de crescimento mais rápido do mundo. Além disso, mantém uma postura cada vez mais assertiva, tanto no cenário regional quanto no global, buscando consolidar-se como uma potência emergente (Verma 2023).

As relações entre os países se encontravam estagnadas desde 2019, o que mudou em 2025, dando início a mais uma situação de conflito entre os países. Os ataques paquistaneses⁶ levaram a Índia a suspender o Tratado das Águas do Indo (indefinidamente e sem aviso), o que causou uma onda de instabilidade ainda maior na região, impulsionada pela interrupção oficial do fluxo de água do rio Ravi para o Paquistão. Com o agravamento das questões climáticas, o controle das águas na região da Caxemira se torna cada vez mais necessário para ambos os países. Segundo o professor doutor Eduardo Heleno de Jesus Santos, essa nova etapa do conflito, embora já finalizada, deixou um legado inédito, que continuará impactando profundamente a relação entre os dois países. A suspensão, por parte do governo indiano, do Tratado das Águas

do Indo – vigente desde a década de 1960 e responsável pelo abastecimento de água do Paquistão – deverá se tornar tema de futuros impasses na região (Souza 2025).

Sendo assim, a próxima seção define cenários nas dimensões política, social e econômica a partir da Teoria dos Complexos Regionais de Segurança.

3 Definição de dimensões e incertezas

A Teoria dos Complexos Regionais de Segurança (TCRS), de Buzan e Wæver (2003), propõe que a segurança deve ser analisada no âmbito regional, pois as ameaças são mais intensas entre países vizinhos do que entre regiões distintas. Essa perspectiva amplia o conceito de segurança para além do campo militar, incluindo dimensões políticas, econômicas e sociais, entre outras, que se interligam por meio da interdependência securitária regional. Com base nisso, a análise do conflito entre Índia e Paquistão adota três dimensões principais – política, social e econômica – por representarem as esferas nas quais as ameaças e as vulnerabilidades se manifestam com maior intensidade.

Na dimensão política, destacam-se a disputa territorial pela Caxemira e o controle de armas nucleares, agravados pela influência de potências como EUA e China, o que reforça o padrão de rivalidade regional (Khan 2012; Vasconcelos 2020). Essa dimensão evidencia como as disputas territoriais e o controle de armas nucleares influenciam as relações entre Índia e Paquistão⁷. A ausência de diálogo e a interferência de potências como EUA e China agravam as tensões e dificultam acordos de paz⁸. A dimensão social envolve o peso das identidades religiosas, do extremismo e dos fluxos migratórios forçados, que perpetuam o sentimento de insegurança e hostilidade (Anuniação 2013; Malik 2019). As

⁶ Em abril de 2025, militantes de um grupo terrorista sediado no Paquistão realizaram um ataque na cidade indiana de Pahalgam, no Estado de Jammu e Caxemira. O episódio, amplamente condenado pela comunidade internacional, reacendeu tensões bilaterais e levou Nova Délhi a adotar medidas de retaliação diplomática e estratégica, incluindo a suspensão do Tratado das Águas do Indo.

⁷ Barbedo (2017, 8) aponta que o diálogo entre Índia e Paquistão tem se tornado mais distante devido às tensões religiosas e políticas, destacando incertezas como a falta de aproximação entre os governos, a continuidade do impasse político e as divisões internas em ambos os países.

⁸ Vasconcelos (2020, 38) ressalta a insegurança em relação ao controle e uso de armas nucleares, sobretudo após a aquisição dessas armas por ambas as nações.

questões sociais refletem o impacto do preconceito religioso, do extremismo e da migração forçada na estabilidade regional⁹. Apesar dos esforços pela paz, as divisões históricas e o papel das mídias e diásporas ainda moldam o conflito¹⁰. Já a dimensão econômica reflete a instabilidade decorrente dos altos gastos militares e da disputa por recursos hídricos, como a bacia do rio Indo, fatores que limitam a cooperação e o desenvolvimento (Brennan 2008; Leite 2021). Na dimensão econômica, a instabilidade e os gastos militares comprometem o desenvolvimento e a qualidade de vida. A disputa por recursos naturais, a dependência de potências externas e as sanções internacionais limitam o crescimento e a cooperação regional¹¹.

Assim, o exame dessas dimensões permite aplicar empiricamente a TCRS ao Sul da Ásia, evidenciando como as diferentes formas de ameaça se conectam dentro de um mesmo complexo regional de segurança, caracterizado por forte interdependência e persistente instabilidade (Buzan e Wæver 2003).

Na quarta seção, são destrinchados os cenários críticos mencionados no presente tópico, classificando-os em positivos, neutros e negativos, para a posterior avaliação na seção quinta, seguida da conclusão.

4 Cenários projetados

Com base nas incertezas críticas identificadas, foram elaborados três cenários – positivo, neutro e negativo – para os eixos político, social e econômico. A construção dos cenários partiu do referencial teórico da Teoria dos Complexos Regionais de Segurança (Buzan e Wæver 2003), que reconhece a interdependência entre atores regionais em dinâmicas securitárias complexas, muitas vezes imunes à influência direta de po-

tências externas. Assim, os cenários refletem o comportamento regional como um sistema autônomo, ainda que permeado por fatores globais.

No âmbito político, o conflito Índia-Paquistão, complicado pelas divisões internas em ambos os países, apresenta três cenários potenciais. No cenário positivo, lideranças moderadas e reformistas ganhariam força em ambos os países, superando as divisões políticas internas para priorizar a diplomacia. O cenário neutro reflete a continuidade do impasse institucional, com governos sem força decisiva e tensões latentes. No cenário negativo, líderes nacionalistas aprofundam discursos hostis para fins domésticos, ampliando a polarização e alimentando confrontos – fenômeno coerente com o padrão de securitização interna descrito por Buzan e Wæver (2003)¹².

A possibilidade de novos acordos de paz ou a continuidade do impasse político também apresenta cenários variados. Em um cenário positivo, esforços de mediação internacional, aliados a movimentos internos por paz, levariam os países a assinarem um tratado abrangente, promovendo estabilidade regional e cooperação em questões humanitárias e econômicas. Em um cenário neutro, há a possibilidade de algumas negociações isoladas que produzem acordos limitados, mas sem avanços estruturais que resolvam o conflito. No cenário negativo, as negociações falhariam repetidamente, intensificando o descontentamento público e as tensões políticas, enquanto a continuidade do impasse perpetuaria o sofrimento das populações locais e o risco de novos conflitos.

Quanto à insegurança em relação ao controle e uso de armas nucleares entre os dois países, o cenário positivo ocorrerá quando ambos aderirem a tratados internacionais de não proliferação, com inspeções regulares que aumentem a confian-

⁹ Dias (2022, 16) argumenta que a separação entre indianos e paquistaneses foi um processo impulsionado por políticos nacionalistas e movimentos religiosos, aumentando a hostilidade entre as religiões e o fortalecimento de ideias extremistas.

¹⁰ O impacto das mídias sociais também é citado por Dias (2022) como fator que pode tanto agravar tensões quanto auxiliar na resolução de conflitos.

¹¹ A migração forçada, especialmente na Caxemira, é resultado direto do aumento das tensões fronteiriças e conflitos locais.

¹² O conceito de securitização interna, conforme proposto por Buzan e Wæver (2003), refere-se ao processo pelo qual um Estado transforma questões domésticas – como insurgências, conflitos étnicos ou movimentos separatistas – em ameaças existenciais à sua segurança nacional. Essa dinâmica ocorre quando atores políticos legitimam medidas excepcionais de segurança interna sob o argumento de preservar a unidade e a estabilidade do Estado. Assim, a securitização interna desloca o debate de uma esfera política ordinária para uma esfera de emergência, justificando respostas extraordinárias e, muitas vezes, militarizadas.

ça mútua e reduzam significativamente o risco nuclear – tal qual ocorrido com o Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares de 1968. No entanto, os países não pretendem assinar o TNP, já que a Índia não irá desistir das armas nucleares devido à sua rivalidade com a China. No cenário neutro, Índia e Paquistão manteriam seus arsenais nucleares sob controle estratégico interno, sem avanços em desarmamento nem novas iniciativas de cooperação internacional, resultando na continuidade de uma paz instável. No cenário pessimista, a maior ocorrência de crises políticas internas ou erros de cálculo aumentariam o risco de uso de armas nucleares, levando a uma catástrofe com consequências devastadoras para toda a região.

No âmbito social, o fortalecimento de ideias extremistas que dificultam a reconciliação entre os povos pode ser superado em um cenário positivo no qual campanhas de educação, diálogo inter-religioso, maior relação comercial, econômica e cooperação cultural desconstruam narrativas de ódio, promovendo a coexistência pacífica. No cenário neutro, as ideias extremistas – como discursos que defendem a superioridade religiosa hindu ou a necessidade de retaliação contra muçulmanos – continuariam a circular em comunidades isoladas, mas sem mobilização suficiente para desencadear violência significativa. Para o cenário negativo, grupos extremistas ganhariam força, promovendo ataques violentos e alimentando hostilidades que perpetuam a divisão entre os povos.

O impacto das mudanças climáticas na intensificação da cooperação entre comunidades afetadas pelo conflito apresenta um cenário, de certa forma, positivo, no qual desastres ambientais forçariam Índia e Paquistão a colaborar em esforços de resposta conjunta, criando um raro espaço de diálogo e confiança. No cenário neutro, a resposta às crises climáticas ocorreria de forma independente, com algumas iniciativas limitadas de colaboração em áreas fronteiriças. No cenário negativo, as mudanças climáticas exacerbariam disputas por recursos naturais, como água, agravando tensões entre as popu-

lações e os governos. No tocante à migração forçada, o cenário positivo contempla políticas inclusivas e coordenação internacional que asseguram assistência aos deslocados. No neutro, os deslocamentos continuam em menor escala e com resposta precária. O negativo configura uma crise humanitária ampla, com sobrecarga nos sistemas locais e agravamento do conflito, como visto em episódios anteriores na Caxemira (Ganguly 2019).

Quanto às questões econômicas, a disputa pelos recursos naturais na Caxemira pode ser resolvida positivamente por meio de acordos bilaterais que estabelecem uso compartilhado e sustentável dos recursos, beneficiando ambas as economias. No cenário neutro, as disputas continuariam, mas com iniciativas limitadas que evitam escaladas. No pior cenário, a competição por esses recursos levaria a confrontos diretos, agravando as perdas econômicas e humanas. O impacto das sanções internacionais pode ser minimizado no cenário positivo, em que ambos os países adotam políticas de reconciliação que atraem investidores e levam à remoção das sanções. No cenário neutro, as sanções permanecem limitadas a setores específicos, com impactos contornáveis. No cenário negativo, sanções severas isolam economicamente ambos os países, agravando a pobreza e alimentando o descontentamento social. Por fim, a colaboração econômica entre Índia e Paquistão poderia, no melhor cenário, evoluir para acordos comerciais robustos, impulsionando o desenvolvimento regional e reduzindo as tensões políticas. No cenário neutro, a colaboração ocorreria em setores isolados, sem impactar significativamente a relação geral. No pior cenário, o aumento da desconfiança entre os governos impediria qualquer cooperação, perpetuando barreiras comerciais e oportunidades perdidas.

A partir das projeções acima, três macrocenários foram elaborados, unindo os âmbitos citados anteriormente: (i) positivo, (ii) neutro e (iii) negativo. O cenário positivo (i) é representado por cooperação bilateral crescente, diplomacia ativa, desarmamento supervisionado, fortalecimento

da sociedade civil e integração econômica. Movimentos por paz e iniciativas climáticas servem como pontos de aproximação. É o cenário desejável, porém de baixa probabilidade no curto prazo. Já o cenário neutro (ii) é marcado por manutenção de tensões de baixa intensidade, ausência de rupturas graves, mas com paralisia diplomática e econômica. Reflete a atual conjuntura e apresenta alta probabilidade, conforme padrões de conflito congelado. Por outro lado, o cenário negativo (iii) é marcado por colapso político, crescimento do extremismo, falência da diplomacia, agravamento de crises sociais e riscos reais de conflito armado e uso de armas nucleares, atingindo também a estabilidade global.

5 Avaliação dos cenários

O cenário positivo projeta um ambiente de cooperação sustentada, no qual o protagonismo diplomático fortalece a posição de Índia e Paquistão em fóruns multilaterais, como, por exemplo, a adição do Paquistão ao BRICS+. A superação das divisões internas permitiria reduzir barreiras comerciais, promover o uso sustentável de recursos naturais – especialmente na Caxemira – e elevar o padrão de vida das populações. Campanhas educacionais e movimentos intercomunitários contribuiriam para desconstruir preconceitos históricos, facilitando a reconciliação social. Na área de segurança, o avanço no controle de armas e o desarmamento supervisionado reduziriam tensões militares e o risco de confrontos – em consonância com o que Buzan e Wæver (2003) consideram dessecuritização¹³.

Com governos moderados, os países ganhariam legitimidade, ampliando a cooperação bilateral e fortalecendo parcerias com potências externas, enquanto as populações desfrutariam de melhores condições econômicas e sociais. Como se observou nos governos de Atal Bihari Vajpayee, na Índia, e de Pervez Musharraf, no Paquistão, períodos de moderação favoreceram

o diálogo diplomático e a redução de tensões. Potências como os EUA e a China aproveitariam as oportunidades para ampliar investimentos e relações diplomáticas, e a ONU desempenharia um papel ativo no apoio a acordos e projetos de reconstrução. Esses fatores criam um cenário virtuoso, no qual os avanços políticos e sociais reforçam a cooperação econômica e a estabilidade regional, transformando a região em um exemplo para outras áreas de conflito. No entanto, a probabilidade de concretização é baixa no curto e médio prazo, dada a persistência de desconfiança mútua, polarização política e traumas históricos que moldam as percepções de ameaça (Ganguly 2019).

Partindo para o cenário neutro, que propõe uma "estagnação tensa", observa-se uma situação de pouca evolução em relação às condições atuais, marcada por instabilidade política e pressões internas sobre os líderes, mas sem avanços significativos. A região permaneceria em um estado de conflitos de baixa intensidade, como apontam Buzan e Wæver (2003) ao descreverem complexos regionais nos quais as ameaças são constantes porém controladas. O comércio e os investimentos seguiriam limitados a setores estratégicos, restringindo o crescimento econômico, enquanto recursos naturais continuariam subaproveitados devido às disputas fronteiriças. No campo social, como observa Ganguly (2019), a persistência de narrativas nacionalistas e religiosas alimentaria tensões internas, embora sem mobilizar crises de grande escala. Na área de segurança, a manutenção dos arsenais nucleares e a ausência de avanços em medidas de confiança manteriam a região sob risco permanente de escalada, ainda que ações agressivas imediatas fossem improváveis.

Os governos, focados em manter o controle interno, não avançariam em iniciativas externas de relevância, enfrentando críticas pela falta de resultados concretos. Entre as populações, sur-

¹³ O conceito de dessecuritização, conforme formulado por Buzan e Wæver (2003), refere-se ao processo pelo qual um tema que havia sido enquadrado como uma ameaça existencial – justificando medidas excepcionais de segurança – é reinserido na esfera política ordinária. Ou seja, ocorre quando o discurso e as práticas de segurança deixam de tratar determinado assunto como questão de sobrevivência do Estado, permitindo que ele volte a ser debatido e gerido por meio de instrumentos políticos e diplomáticos convencionais. A dessecuritização, portanto, representa um movimento de normalização e redução da militarização das políticas públicas.

giria uma frustração moderada, especialmente em áreas diretamente impactadas pelo conflito, como a Caxemira. De acordo com Buzan e Wæver (2003), esse tipo de “estabilidade conflitiva” é característico de complexos regionais em que as ameaças são internalizadas e raramente superadas. Potências globais adotariam um envolvimento mínimo, recorrendo a sanções ou acordos pontuais para evitar crises mais graves, enquanto a ONU se limitaria a esforços diplomáticos isolados. Esse *status quo* perpetuaria um conflito de baixa intensidade, gerando custos sociais e econômicos consideráveis, mas sem colapsos iminentes. Pequenas iniciativas poderiam surgir ocasionalmente, mas sem efeitos estruturais relevantes. Considerando a história de conflitos “congelados” na região e as dificuldades de superar divisões internas em ambos os países, este cenário apresentaria alta probabilidade de ocorrência no curto, médio e longo prazos.

No cenário negativo, de escalada de conflitos e fragmentação, a região enfrentaria instabilidade severa, pois governos nacionalistas tendem a recorrer a agendas bélicas como instrumento de legitimação interna, conforme observam Buzan e Wæver (2003) ao descrever a securitização de disputas regionais. Essa dinâmica geraria críticas domésticas e internacionais, enfraquecendo instituições bilaterais e multilaterais já fragilizadas. A economia não necessariamente colapsaria por completo, mas sofreria desaceleração acentuada, agravada pela retração de investimentos estrangeiros e pelo redirecionamento de recursos para gastos militares – como se observou em crises anteriores entre Índia e Paquistão (Ganguly 2019). Sanções externas teriam impacto seletivo: potências como China e Rússia poderiam manter apoio estratégico, mas a pressão de mercados ocidentais e de instituições financeiras reduziria o fluxo comercial e o crédito internacional. Socialmente, a intensificação da violência extremista e das tensões intercomunitárias provocaria deslocamentos internos e fragmentação social. Na esfera de segurança, o risco de incidentes nucleares ou de escalada militar ampliaria a preocupação global e elevaria os gastos bélicos, reforçando

um círculo de insegurança regional.

A presença de governantes cada vez mais nacionalistas faria com que os países adotassem políticas cada vez mais agressivas, priorizando a militarização e enfrentando sanções e isolamento internacional. Conseqüentemente, as populações locais sofreriam com a violência, deslocamentos forçados e crises econômicas, enquanto movimentos extremistas tenderiam a ganhar força e iniciativas pela paz perderiam relevância (Malik 2019; Shende 2024). Potências externas interviriam provavelmente fragmentadamente, formando alianças parciais e adotando estratégias divergentes, o que enfraqueceria a capacidade de mediação da ONU e ampliaria o impacto global das crises regionais. Esse cenário resultaria em desastres humanitários, derrocada econômica e riscos globais associados à ameaça nuclear, tornando a intervenção externa quase inevitável, embora com resultados imprevisíveis. A probabilidade de ocorrência desse cenário seria moderada no longo prazo, considerando a crescente polarização, tensões militares e o agravamento de crises climáticas e econômicas.

Portanto, à luz da Teoria dos Complexos Regionais de Segurança, conclui-se que o Sul da Ásia continuará sendo um espaço de instabilidade latente. A rivalidade entre Índia e Paquistão permanece profundamente enraizada, com obstáculos significativos à reconciliação (Ganguly 2019). Ainda assim, reconhecer o caráter regional dessas dinâmicas é essencial para evitar abordagens simplistas e externas que ignoram as lógicas internas do conflito. O futuro da região dependerá da capacidade dos atores locais de redefinir os termos da segurança, reconstruir narrativas e fomentar mecanismos de cooperação capazes de transformar um complexo de ameaça mútua em um sistema de convivência estratégica.

6 Conclusão

A partir da Teoria dos Complexos Regionais de Segurança, de Buzan e Wæver, este estudo analisou o conflito entre Índia e Paquistão, reconhecendo a centralidade das dinâmicas regionais na configuração das ameaças no Sul da Ásia. O

delineamento de cenários futuros tem como intuito identificar como diferentes combinações de fatores políticos, sociais e econômicos podem afetar a estabilidade regional, permitindo compreender tendências e possíveis caminhos de cooperação ou conflito. Nesse contexto, a questão da Caxemira é tratada como variável crítica, pois concentra disputas territoriais, identitárias e securitárias que influenciam diretamente o comportamento dos dois Estados e a evolução do complexo regional como um todo.

Ao longo do artigo, identificaram-se incertezas políticas, sociais e econômicas que ajudam a projetar desdobramentos para o conflito. Ainda que tais variáveis possam, em determinados momentos, gerar episódios de tensão, observou-se que fatores estruturais como a dissuasão nuclear, a interdependência regional e os altos custos de um confronto aberto são barreiras à escalada. A instabilidade intermitente, marcada por incidentes fronteiriços, discursos hostis e disputas diplomáticas, tende a se manter como o padrão dominante, sem que isso se torne, necessariamente, um conflito direto de grande escala.

Conclui-se, portanto, que a estagnação estratégica é o cenário mais provável no atual contexto. A rivalidade entre Índia e Paquistão permanece viva, mas contida, sustentada por mecanismos que evitam o colapso das relações bilaterais, mesmo diante de episódios críticos. A aplicação da Teoria dos Complexos Regionais de Segurança demonstrou sua eficácia ao evidenciar que o futuro do Sul da Ásia depende menos de fatores externos e mais da interação complexa entre elementos regionais. Nesse sentido, o desafio permanece: evitar que a estabilidade precária se rompa e que o impasse se transforme em uma tragédia.

Referências

Anunciação, Arthur Sá. 2013. *O Conflito em Caxemira: Uma Luta Identitária e a Perpetuação de um Risco Internacional*. Tese de Mestrado em Relações Internacionais, Estudos para a Paz e Segurança, Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. https://eg-fr.uc.pt/bitstream/10316/24771/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Arthur_Anuncia%C3%A7%C3%A3o.pdf.

Barbedo, Guilherme Sampaio. 2017. *Relações Índia-Paquistão: Uma Análise a Partir da Independência sob o Prisma da Segurança Regional*. Trabalho de Conclusão de Curso em Relações Internacionais, Centro Universitário de Brasília. <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/prefix/13569>.

Brass, Paul. 2010. *Routledge Handbook of South Asian Politics*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203878187>.

Brennan, James F. 2008. *The China-India-Pakistan water crisis prospects for interstate conflict*. Naval Postgraduate School. <https://calhoun.nps.edu/server/api/core/bitstreams/174e2a7b-1014-4882-92b2-bef26c71d731/content>.

Buzan, Barry, e Ole Wæver. 2003. *Regions and Powers: The Structure of International Security*. Cambridge University Press.

Dias, Paulo Alexandre da Silva Sousa. 2022. *Caxemira – Um Conflito entre a Índia e o Paquistão sobre o Direito ao Território*. Dissertação de Mestrado, Nova School of Law, Universidade Nova de Lisboa. https://run.unl.pt/bitstream/10362/143845/3/Dias_2022.pdf.

Ferreira, Hugo Luís Pena. 2023. "Múltiplas facetas da segurança internacional no pós-Segunda Guerra Mundial: o projeto jurídico, engastes econômicos e equilíbrio nuclear de terror." *Monções: Revista de Relações Internacionais da UFGD* 12 (23): 1-25. <https://doi.org/10.30612/rmufgd.v12i23.15156>.

Ganguly, Sumit. 2019. *Deadly Impasse: India-Pakistan Relations at the Dawn of a New Century*. Cambridge University Press.

Government of India. 2022. *Line of Control*. MyGov. <https://indianncc.mygov.in/wp-content/uploads/2022/07/mygov-1000000002021905.pdf>.

Joshl, Anlk. 2020. "India Has Handed China a Way to Interfere in Kashmir." *Foreign Policy*. <https://foreignpolicy.com/2020/06/16/china-kashmir-himalayas-pakistan-conflict/>.

Khan, Saeed. 2012. *Pakistan and the Kashmir Conflict: Strategic Dimensions and Political Realities*. Routledge.

Leite, Rebeca Vitória. 2021. "A água como instrumento de poder no sul da Ásia: a disputa pela Bacia do Rio Indo." *Escola de Guerra Naval*. https://www.marinha.mil.br/ppgem/sites/www.marinha.mil.br/ppgem/files/tcm_-_rebeca_leite.pdf.

Malik, Muhammad Sajjad. 2019. "Pakistan-India Relations: An Analytical Perspective of Peace Efforts." *Strategic Studies* 39 (1): 59-76. <https://www.jstor.org/stable/48544288>.

Murray, Craig. 2017. "China's Strategic Interests in Kashmir: An Analysis of Aksai Chin." *Journal of Strategic Studies* 40 (3): 411-432.

Neves Jr., Edson José. 2020. "A Disputa pela Caxemira entre Índia e Paquistão: Chauvinismo e Perfil de Forças Militares." *Revista Brasileira de Estudos de Defesa* 7 (1). <https://doi.org/10.26792/rbed.v7n1.2020.75183>.

Organização das Nações Unidas (ONU). 1968. *Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares (TNP)*. <https://treaties.unoda.org/t/npt>.

Shende, Shreyas. 2024. "India-Pakistan: Two Decades After the Cease-Fire Agreement." *Lawfare Media*. <https://www.lawfaremedia.org/article/india-pakistan-two-decades-after-the-cease-fire-agreement>.

Souza, Leticia. 2025. "Atualidades UFF: entenda o conflito entre Índia e Paquistão." *Universidade Federal Fluminense*. <https://www.uff.br/15-05-2025/atualidades-uff-entenda-o-conflito-entre-india-e-paquista/>.

Stremlau, John J. 1981. "The International Politics of the Kashmir Conflict." *Asian Survey* 21 (9): 875-890.

Unnithan, Sandeep. 2018. "Why India, Pakistan Follows the 'No War, No Peace' Motto at the Line of Control." *India Today*. <https://www.indiatoday.in/magazine/cover-story/story/20180226-kashmir-pakistan-attack-indian-army-sunjuwan-army-camp-attack-nirmala-sitharaman-1170923-2018-02-15>.

Vasconcelos, João Paulo. 2020. *Caxemira: o fator nuclear na balança de poder entre Índia e Paquistão*. Trabalho de Conclusão de Curso em Relações Internacionais, Faculdade Damas da Instrução Cristã. <https://revis-tas.faculdadedamas.edu.br/index.php/academico/article/view/1978>.

Verma, Rahul. 2023. "The exaggerated death of Indian democracy." *Journal of Democracy*. https://muse.jhu.edu/pub/1/article/900441/pdf?casa_token=8sNIUY-fnWKcAAAAA:h8ewjfaEITkO6v4A1Wi_1trTNR5wP_RzrHhKXFaRTvxeOUvHO2aBFjHsjxAVVOBAGsnNg8citQ.

Viana, Thaisa da Silva. 2020. "Nas Bordas de Aksai Chin: a Importância da Caxemira para a Geopolítica Chinesa." *Estudos Estratégicos & Relações Internacionais*. https://d1wqxts1xzle7.cloudfront.net/64497130/LivroProtagonismodaChinanoSeculo21-libre.pdf?1600819541-&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DAnalise_de_Politica_Externa_Brasileira_A.pdf&Expires=1770235173&Signature=GYL36ivkjZQO-1jcZ6-gQKmtU1OxU10QW-jZtbUH6A3BCjLDOCX-qBoGREF5nqPmhF19AhJi0WG6Az0Qsyl1MNCqX1T-soBkYjnSzuKUNR93uYiv~P-3FuCctoRUyoY3ag9E-jecdEchFPsZqt-s3PjBVGH5Qdc9Wllh-HaQO8FAP-ZfITgbsDO4UvWIOyA96Rtna723LABzyrkNml5NwR-SyoLGH98RUNYRE6b409j23gmJaYwri5yxbezHeZr-D-fOV0jsVX550Ba6jyFaLPRyVVXc54mWjcwYsWencc-gl5IMFdGSOdcD5uwHxTi7LMLoC1JLkyfv0W7os5-W-1ZXBpACmVA_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRB-V4ZA#page=119.

Bruna Maier

Graduada em Relações Internacionais e Mestranda em Sociologia e Ciência Política pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Carina Vieira Uliana

Graduada em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Isadora Roxo Lima Ribeiro

Graduanda em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Endereço para correspondência

BRUNA MAIER

bruna.maier04@edu.pucrs.br

CARINA VIEIRA ULIANA

carina.uliana@edu.pucrs.br

ISADORA ROXO LIMA RIBEIRO

isadora.r005@edu.pucrs.br

Como citar este artigo

Vieira Uliana, C., Roxo Lima Ribeiro, I., & Maier, B. Índia e Paquistão: prospecções para o futuro do sul da Ásia. *Conversas & Controvérsias*, e48470. <https://doi.org/10.15448/2178-5694.2026.1.48470>

Os textos deste artigo foram revisados por Araceli Pimentel Godinho e submetidos para validação dos autores antes da publicação.